

Mulheres no agro: do campo à indústria

Crescimento do sexo feminino é significativo no setor. Apesar das barreiras impostas, elas buscam por valorização

Isabel Marinho

Em poucas décadas, o agronegócio levou o Brasil de importador a um dos maiores exportadores de alimentos e a oitava maior economia do mundo, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e o Fundo Monetário Internacional (FMI), respectivamente, em 2018. O setor responsável por desempenhar papel fundamental no crescimento e no desenvolvimento do país passa por uma transformação. As mulheres estão, gradualmente, ocupando posições de destaque e reivindicando igualdade.

A presença feminina, que já fora discreta por muito tempo, é cada vez mais constante em todos os setores. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2018, a Taxa de Participação Feminina na Força de Trabalho (TPFT) cresceu aproximadamente 3 pontos percentuais, entre 2002 e 2015, chegando a 40% no último ano.

Já no agronegócio, entre 2004 e 2015, enquanto o número de homens diminuiu 11,6%, o total de mulheres aumentou 8,3%. A participação feminina passou de 24,1% para 28%, conforme o estudo “Mulheres no Agronegócio” realizado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), 2018.

De acordo com Marcos Fava Neves, especialista em



ARQUIVO PESSOAL

“Entrei para o agro inspirada em meu pai que é agricultor e desde a infância me ensinou a ter amor por isso”, afirmou Aline Pertuzati, engenheira agrônoma, com mestrado em Agronomia

planejamento estratégico do agronegócio, 50, houve crescimento porque “há algum tempo as mulheres se interessam mais pelos cursos de agronegócios na graduação e com isto se qualificaram a atuar profissionalmente”.

Roberto Rodrigues, ex-ministro da agricultura, 77, também entende que este crescimento tem a ver com a formação acadêmica, e é natural, já que as escolas têm metade ou mais de mulheres. “É uma mudança relevante. Quando eu comecei a dar aula na UNESP em Jaboticabal, há 50 anos, eu tinha 5% de alunas” contou. Além disso, ele comentou que elas estão ganhando espaço, sobretudo em uma área na

qual elas não tinham, gestão.

Ronara Lamar, mentora e coach de carreiras agro, 38, também acredita que a entrada das mulheres é um movimento natural. Para ambos os especialistas, elas caminham à igualdade de oportunidades no setor. “Estamos caminhando para um futuro mais justo. E não faz nenhum sentido a mulher estar fora deste cenário”, afirma a coach.

Questionados sobre o que este crescimento acrescenta ao agro, Marcos acredita que “a presença delas traz mais equilíbrio, bom senso, sensibilidade e respeito”, enquanto Ronara considera que as potencialidades dos

três personagens do ambiente corporativo (homem, mulher e máquina) promove um perfeito trabalho em equipe.

Vale ressaltar que, das mais de 15 milhões de pessoas que atuam no campo, 19% são mulheres, em números exatos, 945.490 de 4.100.900 homens, de acordo o Censo Agropecuário 2017, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Amor de berço à pesquisa

O amor pelo agro, muitas das vezes, é uma herança de pai para filho, como é o caso de Monique Filassi, formada em Gestão do Agronegócio e com mestrado em Engenharia Agrícola, de 27 anos, “meus avós paternos e meu pai trabalharam por muitos anos nas fazendas de laranja de Limeira. Eu cresci ouvindo as histórias de como era trabalhar na roça”.

Monique, atualmente, está cursando doutorado em Engenharia Agrícola e relata que antes de entrar na graduação, “eu sempre notava que o sexo feminino não tinha um protagonismo forte nesse setor, mas quando entrei na universidade pública, conheci mulheres que representam o agro e fazem pesquisas importantes para a agricultura brasileira”.

Patrícia Milano, bióloga com mestrado, doutorado e pós-doutorado em Entomologia, 47, é um exemplo disto. Com o projeto “Insetos para alimentação animal e humana: adaptações e pesquisas para futura criação massal no Brasil”, ela visa comercializar insetos para a alimentação de forma profissional e responsável, como

uma alternativa sustentável diante o colapso da alimentação baseada em carne.

A pesquisadora está tentando comercializar, inicialmente, para animais, porém também está de olho no mercado exterior que já utiliza insetos para a alimentação humana. Como no Brasil ainda não há uma legislação para autorizar este consumo, ela está à frente de palestras e eventos, inclusive, de uma degustação gratuita na Esalq de Piracicaba, no final de julho.



“Eu nasci gostando destes pequeninhos. É um amor de infância”, afirma Patrícia sobre os insetos

A frente de uma startup, Patrícia afirma que há adversidades e relata que no começo “via pouco espaço para a mulher. Hoje tem mais, mas espero que ainda haja um pouco mais para mostrarmos nossa competência”.

Desafios

Apesar do crescimento das mulheres no agro, muitas são

as dificuldades enfrentadas por elas diariamente. O machismo ainda protagoniza situações de discriminação, desconfiança e até mesmo assédio.

Aline Pertuzati, engenheira agrônoma com mestrado em Agronomia, 25, acredita “que o maior desafio ainda seja a quebra de paradigmas e pré-conceitos formados ao longo da história. Como o setor ainda é predominantemente masculino, enfrente dúvidas sobre meu conhecimento e capacidade, mesmo estando mais preparada do que meus colegas do sexo masculino”.

A engenheira também relatou que por ser mulher já fora recusada em entrevistas de emprego, recebeu cantadas de clientes e precisou de homens para conferir seu trabalho. Danny Angeloni, também engenheira agrônoma, 35, passou por situações parecidas, “enfrentei de tudo. Desde cliente que não me olhava nos olhos por ser machista, até aquele que queria que eu fosse na propriedade por me achar bonita. Aprendi a ter muito jogo de cintura, a sair de convites para jantar, a fingir que não escuto os comentários”.

Hoje, Danny é supervisora do time de campo de uma empresa e está à frente de uma equipe de 18 pessoas. No começo, contou: “Tive muito receio, pois assumi o lugar de um homem com mais de 40 anos de empresa. Consegui uma relação tranquila com o pessoal do campo, mas sei que existem comentários, impossível não ter” e encerrou dizendo: “não é fácil ser mulher neste meio”.

Uma fonte que não quis ser identificada, relatou que “quando era estagiária em um frigorífico, to-



Missão Mulheres do Agro visitando Danville, região com potencial de produzir cerca de 300 bushels por acre nos Estados Unidos, em agosto de 2018

das as vezes que eu entrava na sala de abate, os funcionários gritavam palavras de baixo calão para mim. Era horrível, eu fingia que nem escutava, mas isto é muito comum, ainda mais quando se é estagiária”.

De acordo com a pesquisa “Todas as mulheres do agronegócio” (2017) encomendada pela ABAG, 74,2% das mulheres afirmam já ter sofrido preconceito, contudo 61,1% delas dizem não se intimidar com isso.

Incentivos

Em busca de reconhecer a importância das mulheres do agro, o Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio (CNMA) surgiu em 2016. Nele mulheres do setor de todo o país se reúnem para trocar ideias e experiências. Este

ano, o evento, com curadoria de José Luiz Tejon, está em sua quarta edição e conta com o tema “AGIR – Ação Global: Integração de Redes”. Também com o intuito de estimular a participação feminina no agronegócio, a Bayer, a ABAG e a Elanco se uniram e criaram o Prêmio Mulheres do Agro, em 2018. A iniciativa premia gestoras e produtoras que estão à frente dos negócios, nas categorias pequena, média e grande propriedade.

Empresas

Visando igualdade entre homens e mulheres, muitas empresas têm se preocupado em tomar iniciativas, organizar eventos, palestras e cursos para estimular e aperfeiçoar as mulheres no setor.

O grupo Labhor, empresa

que oferece serviços em diversos segmentos do agro, hoje é fortemente reconhecido pela atuação e incentivo à Profissionalização da Mulher no Agronegócio.

No início dos anos 2000, a empresa passou a ter a valorização da mulher como uma de suas bandeiras, sendo a primeira a transformar uma missão voltada a um perfil masculino para um grupo composto, exclusivamente, por mulheres, além de promover palestras, cursos e treinamentos para este público.

Outra empresa que tem se preocupado é a Belagrícola, uma das maiores provedoras de soluções para o produtor rural. Com o projeto “Work like a girl”, ela promove encontros trimestrais para reconhecer a importância feminina.



“O caminho que eu achei mais importante foi justamente o de mostrar o conhecimento, dar a profissional a condição para que ela se valorizasse através do conhecimento”, afirmou Andrea Cordeiro, responsável pela Missão Mulheres do Agro

Mulheres que levantam mulheres

Andrea Cordeiro, empresária, escritora e palestrante, 47, foi a responsável por fazer a Labhoro incentivar a participação feminina e instigar outras empresas a isto. Quando começou a trabalhar na empresa de seus pais, enfrentou muitos desafios, já que não tinha experiência no agro, mas com força de vontade adquiriu conhecimento, ficou à frente das reuniões da empresa e iniciou uma trajetória de levantar mulheres.

Como empresária, logo no começo, percebeu que poucas mulheres estavam em posição de liderança, então “eu sempre procurei e procuro destacar potenciais. Nunca vou a uma reunião sozinha,

procuro sempre levar mulheres, aplicando a sororidade na empresa, dando espaço para que elas cresçam”.

Com este princípio, de valorizar o papel da mulher no setor e de levar conhecimento, de forma simples e acessível, ela criou o blog “Mulheres do Agronegócio Brasil”, em 2017.

Andrea também contou ter sofrido e ainda sofrer discriminação, tanto no que se refere a ser questionada se outra pessoa pode substituir, quanto em relação a valores, “quando eu apresento uma proposta, o feedback que eu recebo é que o valor é muito elevado”, mas encerrou dizendo: “Se isto me limita? Jamais, pelo contrário, me faz ter mais vontade de mostrar a minha capacidade”.

Ana Carolina Fer-

raz, analista, de 35 anos, é mais uma mulher inspiradora. Ela é responsável por criar um grupo só de mulheres do açúcar do mundo todo no WhatsApp, “Sugar Women”, que tem como objetivo não só trocar experiências, mas organizar eventos fora do país que discutem o mercado de commodities até experiências pessoais relacionadas ao tema de ser mulher neste ambiente.

Com união, diálogo e conhecimento, as mulheres do agro constroem dia a dia um futuro mais igualitário. Os desafios as movem a pleitear espaço e buscar por isso não significa subtrair o sexo oposto, pelo contrário, manifesta a vontade de somar e desenvolver lado a lado um trabalho eficiente para o setor e o país como um todo, sucessivamente.